

O SUCO, O AÇÚCAR E OS DOCES

Data: 26/04/93 – Ocasião: Cursos de Cultura Indiana e Espiritualidade - Local: Kodaikanal

Manifestações do Atma Divino!

Desde os tempos antigos a cultura da Índia tem preservado os mais elevados ideais, como, entre eles, reverenciar os pais como sendo personificações do Divino: “*Adore a mãe como Deus, adore o pai como Deus!*” (Verso em Sânscrito).

A vida humana é, de fato, extremamente doce. Sem esta doçura a vida não vale a pena. O homem luta de diversos modos para assegurar prazeres dos sentidos, mas há uma doçura que transcende estes prazeres físicos. Este ensinamento é fruto precioso da cultura da Índia.

A mãe sacrifica-se completamente pela educação do filho, para protegê-lo e criá-lo bem. Por isso, a doçura manifestada no amor maternal não pode ser encontrada em qualquer outro objeto ou experiência.

“Que doçura maior existe em nossa Terra do que o amor de mãe? Sua honra é maior do que a própria vida” - diz o ditado. Todos devem compreender a santidade inerente à maternidade.

Quando Rama foi para a floresta com Sita, um dia Ele lhe disse: “Mãe de toda a Terra! Não há no mundo divindades que mereçam ser mais reverenciadas do que a mãe e o pai que se tem. Quando alguém possui uma mãe amorosa que lhe cuida constantemente e lhe proporciona bem estar, se não é capaz de adorá-la como divina, como poderá contemplar um Ser que é sutil e transcende sua experiência diária? O Divino transcende toda a compreensão humana. Como pode ser reconhecido? Aqueles que não podem compreender o coração dos pais que estão próximos e lhes dão amor na vida diária, como poderão compreender o Absoluto, que as *Upanishads* declaram estar além do alcance da palavra e da mente? Por isso, existe a afirmação de que pai e mãe devem ser adorados como divinos. É meu principal dever executar a vontade de meu pai”.

Se desejarmos compreender a Divindade que transcende a compreensão humana, é preciso procurar alcançar um nível acima do humano. Porém, até que este nível seja alcançado, deve-se experimentá-la num nível humano. Mas como se pode reconhecer aquilo que transcende a capacidade humana, vivendo como ser humano?

Em primeiro lugar, o homem deve tentar viver como ser humano. Tem que reconhecer a Divindade que habita a forma humana. Tem que cultivar a fé nesta verdade e viver adequadamente.

Levando uma vida de serviço dedicado, o homem deve viver o amor. O melhor modo de amar a Deus é amar a todos e servir a todos.

Swami disse aos estudantes ontem que, embora a Divindade residente em todos os seres humanos seja uma e a mesma, as capacidades e personalidades dos indivíduos são diferentes.

Segundo a maturidade de suas experiências na cultura em que vivem, dependendo da natureza de suas práticas espirituais e de seu contexto, os indivíduos têm visão ampla ou estreita, adotando atitudes determinadas por suas experiências no dia-a-dia.

É por isso que as pessoas devem se engajar em boas ações. Somente por meio de grande esforço a Divindade poderá ser realizada no homem, como o fogo que brota do roçar de duas pedras e a manteiga do bater do leite.

Adi Shankara, depois da realização da cerimônia de seu *Upanayana*¹ aos cinco anos, assemelhou-se de tal forma a seu preceptor que foi capaz, em três anos, de dominar os quatro *Vedas* e os seis *Sastras*. Com seriedade, qualquer coisa pode ser realizada.

Através de seus estudos, Shankara compreendeu que a unidade é a essência de todo conhecimento.

Esta é a doutrina *Advaita* (Doutrina Não-Dualista) que afirma: “*O Absoluto é um só, não dois*” (Verso em Sânscrito).

Não há nenhum “segundo”, mas, aparentemente, há uma enorme multiplicidade. Então, como pode ser proclamada a unidade? Eis um exemplo: Vocês têm os números 1 e 9. Dos dois, qual é o maior? A resposta natural será: 9. Mas não é assim. O 1 é, na verdade, o número maior pois, 1 + 1 + 1... até 9, faz 9. Por isso os *Vedas* declaram: “*Eu sou Um; Eu queria ser muitos, mas apenas o Um existe*” (Verso em Sânscrito).

O Um assumiu numerosas formas. Shankara declarou que a multiplicidade está agrupada na unidade.

¹ Quando o aspirante espiritual é aceito como discípulo por seu Mestre

Pode haver muitos pés de cana de açúcar, mas o suco de todos eles tem a mesma doçura. Os seres são muitos, mas o alento é o mesmo. As nações são muitas, mas a Terra é uma só.

Desta maneira, Shankara proclamou ao mundo a unidade subjacente à aparente diversidade. Ele usava a analogia de que a mesma doçura do suco está presente em todos os pés de cana de açúcar.

Posteriormente, Ramanuja (expoente da doutrina do dualismo-qualificado) efetuou a pergunta: “Quanto tempo dura a doçura do caldo de cana?”

Não muito. Porém, se o caldo for transformado em outra forma mais durável, como o açúcar, pode ser usado para adoçar muitas coisas durante a preparação de doces. Ainda assim, sem o caldo da cana de açúcar, não há açúcar.

A cana de açúcar representa o princípio *Advaita* do Não-Dualismo e o açúcar representa o princípio *Visishta-Advaita* do Dualismo-Qualificado.

Mais adiante, Madhava (Doutrina Dualista) fez a seguinte declaração: “A variedade na preparação dos doces é resultado da junção da farinha (*pishta*) e do açúcar”. Sem algum tipo de farinha, o açúcar sozinho não pode aparecer sob outras formas. É preciso a farinha, de qualquer tipo, combinada com açúcar, para produzir doces. Entretanto, não é a farinha a fonte da doçura, e sim o açúcar, o responsável pela doçura. Esta foi a analogia empregada para explicar a doutrina dualista, *Dvaitam*.

Shankara, como o expoente da doutrina do não-dualismo, Ramanuja como o expoente da doutrina do não-dualismo qualificado e Madhava, como introdutor da doutrina do dualismo, distinguiram-se como grandes mestres, ensinando o caminho da espiritualidade ao mundo.

Há doçura comum em todas as três escolas filosóficas. Shankara insistiu no reconhecimento da unidade como base de toda diversidade. No entanto, declarou: “*Isa, Girisa, Naresa, Paresa, Bilebiyabhusa Namu Sambasadasiva Sambho Shankara Saranam Meythava Charanayugam*” - em louvor a *Shiva* (A Divindade que rege a Transformação).

Ele enumerou os diferentes atributos de *Shiva*, mas declarou que *Shiva* é todas as coisas, em qualquer nome que for chamado, proclamando assim a onipresença do Senhor.

A doutrina não-dualista de Shankara propagou a idéia de que os corpos são múltiplos e que nesses corpos separados está presente o Uno, o Divino.

Alguns seguidores da doutrina afirmaram que só é possível experimentar o Divino através de um sentimento consciente, mas não nas atividades da vida diária. Argumentaram, por exemplo, que embora o Divino esteja num tigre, numa cobra e num ser humano, o que pode ser reconhecido como um conceito, ainda assim não se pode abraçar um tigre. Por isso, afirmaram que o tigre deve ser tratado como um tigre e a cobra como uma cobra, devendo ser dado ao ser humano o status adequado ao humano.

Vocês devem ter fé de que o mesmo Deus habita em todos os seres. Isso é provado pela presença, em todos os seres, de três características divinas: existência, identificabilidade e utilidade. Estas três características também podem ser chamadas de “*Sat, Chit, Ananda*” - existência, consciência e bem-aventurança.

Sat diz respeito ao que é imutável. Isto é um atributo Divino. *Chit* refere-se à total consciência ou conhecimento da natureza completa de qualquer coisa. Quando *Sat* e *Chit* se unem há *Ananda* (bem-aventurança). Ela é imutável e é descrita como *Brahmananda* - a Suprema bem-aventurança. É como misturar açúcar na água, resultando num melado.

Sat-Chit-Ananda é a Divindade imutável. Formas e nomes estão mudando continuamente: são transitórios e momentâneos. As formas do tigre ou da cobra são impermanentes e, portanto, têm que ser tratadas como transitórias.

Se vocês caírem, poderão sofrer uma fratura e precisar ser engessados. Mesmo com amor ilimitado, a mãe que cuidar de vocês não poderá colocar gesso em sua própria perna para aliviá-los da dor. Ela pode sentir solidariedade por vocês, mas não pode assumir para si a fratura. Tais diferenças são inerentes ao mundo dos fenômenos.